

CATEDRAL NOSSA SENHORA APARECIDA: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA COM A CIDADE DE CASCAVEL - PR

LIBERALI, Eloísa Cristina¹
CARDOSO, Sandra Magda Mattei²

RESUMO

O Presente trabalho, intitulado *Catedral Nossa Senhora Aparecida: Contextualização Histórica com a Cidade de Cascavel – PR*, pertence à linha de pesquisa de Arquitetura e Urbanismo, com temática inserida no grupo de pesquisa *Patrimônio Histórico e Cultural - Guepha*. Certamente, é importante conhecer a história da cidade onde se vive – bem como de seus patrimônios – para o fortalecimento, a valorização e a preservação da identidade cultural local. Verificando a carência de informações e de fontes que tratassem, de forma suficiente, da bela obra da Catedral de Cascavel-PR – considerada o cartão postal da cidade –, surgiu a motivação para trabalhar esse tema. A pesquisa propõe a contextualização entre a história da cidade de Cascavel e a construção da Catedral Nossa Senhora Aparecida, apresentando as influências e os motivos que ensejaram a realização dessa obra; consequentemente, observar-se-ão a concepção, o transcurso das obras, assim como o idealizador e o arquiteto responsável pelo projeto. São também apresentadas algumas informações conjunturais ao tema, as quais são de fundamental importância para embasá-lo e esclarecê-lo. Realiza-se breve resgate dos conceitos da arquitetura e do urbanismo modernista, apresentando as influências sofridas pela arquitetura brasileira, paranaense e consequentemente da cidade de Cascavel e a Catedral, bem como a ocupação e o desenvolvimento da cidade de Cascavel, além de outras informações relevantes para o esclarecimento do tema proposto. Objetiva-se despertar maior valorização e reconhecimento do patrimônio cultural em questão, correlacionando-o com a história e com o desenvolvimento da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna. brutalismo. formação de Cascavel-PR. Catedral Nossa Senhora Aparecida.

CATHEDRAL OUR LADY APARECIDA: HISTORICAL CONTEXT WITH CASCAVEL CITY - PR

ABSTRACT

The present work, entitled *Cathedral of Our Lady of Aparecida: Historical Context with the city of Cascavel - PR*, belongs to the line of Architecture and Urbanism research, themed inserted in the research group *History and Cultural Heritage - Guepha*. Certainly, it is important to know the history of the city where you live - as well as their assets - to strengthen, appreciation and preservation of local cultural identity. Checking the lack of information and sources that addressed to a sufficient degree, the beautiful work of the Cathedral of Cascavel-PR - considered the postcard of the city - came the motivation to work this issue. The research proposes the context of the history of the city of Cascavel and the construction of the Cathedral of Our Lady of Aparecida, with the influences and reasons that gave rise to the accomplishment of this work; consequently, they shall comply with the design, the course of the works, as the creator and the architect responsible for the project. They are also presented some global information to the theme, which are of fundamental importance for underlies it and clarify it. Takes place soon rescue of architectural concepts and modern urbanism, showing the influences suffered by Brazilian architecture, Paraná and consequently the city of Cascavel and the Cathedral and the State of cultural influences, the occupation and development of the city of Cascavel as well as other relevant information to clarify the proposed theme. Our objective is to awaken greater appreciation and recognition of the cultural heritage concerned, correlating it with the history and the development of the city.

KEYWORDS: modern architecture. Brutalism. formation of Cascavel-PR. Cathedral of Our Lady of Aparecida.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho ora aduzido pertence à linha de pesquisa de Arquitetura e Urbanismo, vinculada ao grupo de pesquisa *Patrimônio Histórico e Cultural - Guepha*. Nele consta um estudo sobre o projeto arquitetônico da Catedral Nossa Senhora da Aparecida, de Cascavel, Paraná, bem como da relação histórica entre esse empreendimento e o município em questão. Considerada um cartão postal da cidade, a Catedral de Cascavel é destaque por sua beleza, por sua arquitetura diferenciada e por sua percepção visual, que é clara e bela. Compõe a identidade do município como um elemento marcante e singular. Por isso, seu estudo é fundamental para a compreensão do crescimento e do desenvolvimento da cidade.

Segundo Bakos (1996), disseminar a história da cidade onde se vive, valorizando cada elemento que a constitui, é fundamental para a formação da cidadania. Nesse contexto, monumentos significativos e demais construções afins têm um papel proeminente, uma vez que marcam os diferentes momentos históricos daquele lugar. Consequentemente, urge entender o porquê de as coisas terem sido feitas daquela forma.

No meio acadêmico, o estudo e a pesquisa do patrimônio cultural material da cidade fornece condições para melhor entender e avaliar os desafios enfrentados no desenvolvimento e no crescimento local. Deve-se valorizar e respeitar o passado, a beleza, a história e as dificuldades encontradas no período, contextualizando cada obra com seu período, com sua cultura e com as condições disponíveis na época. Tudo isso torna cada edificação mais interessante e singular.

¹ Acadêmico de Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Assis Gurgacz. Trabalho de Conclusão de Curso de formando em 2015. E-mail: eloisa_cl@hotmail.com

² Professor orientador da presente pesquisa. E-mail: sandramatteic@hotmail.com

No que tange a esta pesquisa, a justificativa profissional é a de que sua publicação oportunizará aos profissionais da área de arquitetura e urbanismo, bem como de outras profissões correlatas, um referencial teórico para embasamento e desenvolvimento de estudos e intervenções ulteriores. Ademais, são exíguas, infelizmente, as fontes que versam sobre esse eminente marco cascavelense. Por isso, é necessário realizar um resgate histórico e cultural a fim de suprir tal lacuna, resgatando e preservando a história da obra, para tanto, cabe levantar os seguintes questionamentos: Em que período histórico da cidade a construção da catedral está inserida? Em que situação econômica e cultural se encontrava o município nessa época? Quais os motivos e influências para sua construção? Qual o estilo e tendência arquitetônica predominante no período? Qual foi sua contribuição para o cenário da cidade? Como foi planejada e concebida? Por quem e quando? Como o projeto foi idealizado?

A partir do resgate histórico e cultural da obra, o que implicará um exame acurado dos fatos e circunstâncias que a precederam, almeja-se que haja uma maior valorização e um maior reconhecimento patrimonial em pauta. O objetivo geral deste trabalho é, portanto, proceder a uma retrospectiva de toda a conjuntura histórica adjacente à construção da Catedral, avaliando as tendências e acontecimentos verificados na época, como também a importância desse marco para o desenvolvimento da cidade. Para alcançar o objetivo geral foram elencados alguns objetivos específicos, sendo eles: a) Fazer um levantamento bibliográfico acerca do tema; b) Contextualizar os acontecimentos e influências que refletiram na arquitetura e urbanismo de Cascavel; c) Pesquisar sobre a história de Cascavel e da Catedral; d) Buscar informações sobre o desenvolvimento do projeto da Igreja; e) Contextualizar o período de construção da obra com o desenvolvimento da cidade na época; f) Demonstrar a importância e contribuição da obra para a cidade; g) Apresentar as ideias, inspirações, plantas e imagens do projeto e da obra da Catedral; h) Descrever sobre o arquiteto da obra da Catedral.

Segundo o Brasil Cultura (2015), a Constituição Brasileira estabelece que o poder público e a comunidade devem proteger e promover o patrimônio cultural brasileiro, o qual é constituído pelos bens materiais e imateriais referentes à identidade, à memória e à ação dos grupos formadores da sociedade. Tais bens envolvem as formas de expressão; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, os objetos, os documentos e as edificações; os espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e locais de valor histórico, paisagístico, artístico, ecológico, arqueológico etc. Preservar legalmente e na prática o patrimônio cultural é conservar a memória do que fomos e do que somos. Ou seja, é o resguardo de nossa própria identidade. O patrimônio configura, portanto, a riqueza que herdamos como cidadãos e que se transmite de geração em geração (BRASIL CULTURA, 2015).

2. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa adotada envolveu o levantamento bibliográfico, local, de acervos, além de informações obtidas na web. A pesquisa é embasada por autores como Solange Irene Smolarek Dias, Vander Piaia, Riccardo Mariani, Fúlvio Feiber, Alceu Sperança, Beto Garavello, Ruth Verde Zein, Valéria Zamboni de Souza, entre outros. Os estudos foram conduzidos por meio de encontros semanais com a orientadora.

3. REFERENCIAL TEÓRICO OU REVISÃO DE LITERATURA

O conhecimento da História nos permite compreender o porquê de as coisas serem como são, das causas de determinadas situações e acontecimentos do passado, assim como um melhor entendimento acerca do presente. Sabidamente, muito do que se conhece hoje – seja da Medicina, da Matemática, do Alfabeto, da Astronomia, da Física etc. – já se compreendia em épocas anteriores, mesmo sem todo o aparato científico e tecnológico de que se dispõe na atualidade. Nesse sentido, a Arquitetura é um campo bem ilustrativo, pois permite comparar, de forma concreta, as antigas construções – os estilos, os materiais, as técnicas adotadas – com as edificações atuais.

Segundo Glancey (2001), a história da arquitetura inicia-se no momento em que o homem consegue abrigo; é a história do esforço do homem em tentar dar sentido e ordem ao mundo. De acordo com o autor, há uma importante diferença entre construção e arquitetura. Os pássaros, cupins e abelhas constroem seus abrigos; porém, os humanos incitaram e criaram a arquitetura, que pode ser definida como a arte e a ciência de construir, ou ainda como “O momento que um edifício é imbuído de uma magia sábia que o transforma de mero abrigo em obra de arte consciente de si.” (GLANCEY, 2001, p. 9).

Segundo o mesmo autor, os templos foram as primeiras obras arquitetônicas na acepção do termo. Por meio delas, o homem tentava construir em harmonia com o cosmo, ligando-se ao eterno, buscando conectar-se com a mente que criou o universo. Isso explica o fato de os templos antigos serem projetados de modo a se alinharem com os eclipses, com os equinócios e com outros movimentos vindos do céu e das estrelas.

A arquitetura é concebida, projetada e executada em resposta a várias condições determinantes, que podem ser de natureza social, econômica, política, funcional, histórica, cultural etc. (CHING, 1998). Iniciou-se no momento em que o homem deixou de ser nômade, passando a fixar morada para cuidar da terra e praticar a agricultura; com isso, há

o surgimento das cidades e a edificação de lares, palácios, santuários e templos permanentes; ou seja, o nascimento da arquitetura foi contemporâneo ao surgimento das cidades e ao início da agricultura (GLANCEY, 2001).

De acordo com Harouel (1990), o conceito de cidade para os gregos é o de uma comunidade de cidadãos unidos por fatores religiosos, políticos e morais. A cidade comporta um estabelecimento urbano, mas engloba tanto os cidadãos moradores do campo quanto os citadinos. Para os gregos, fundar uma cidade era um ato político e religioso, que envolvia inclusive consultar um oráculo e realizar um sacrifício aos deuses antes de empreender as obras. Para os romanos, a formação de uma cidade constituía um acontecimento sagrado, marcado pela observação de um ritual arcaico.

Segundo Gympel (1996), de modo diferente de todas as outras artes, a construção satisfaz uma das necessidades básicas da humanidade, que é a segurança. As construções representam um abrigo, que protege o homem das variações climáticas e dos animais selvagens. Mais do que isso, segundo ele, as construções respondem às necessidades da alma e do espírito, pois cria dimensões humanas a partir das quatro paredes e do teto sobre a cabeça (GYMPEL, 1996).

A arquitetura deve ser pensada e projetada conforme as adequações que se façam necessárias, norteando-se por fatores determinantes e condicionantes do projeto. Há elementos ou situações que impõem a adoção de determinadas ideias, técnicas e materiais para que o projeto fique condizente com a realidade local e funcional. A arquitetura enquanto arte deve ir além de atender às exigências puramente funcionais de uma construção. A organização e o arranjo dos espaços a das formas determinam a maneira de a arquitetura trazer respostas e significados, promovendo iniciativas (CHING, 1998).

A obra da Catedral de Cascavel está totalmente envolvida e inserida ao contexto urbano da cidade. Não há como não observar as influências e os impactos causados ao urbanismo e vice-versa. “O espaço urbano é estruturado, quer dizer, ele não está organizado ao acaso, e os processos sociais que se ligam a ele exprimem, ao especificá-los, os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social” (Castells, 1983 p.182).

Dias et al. (2005) afirma que a história das cidades é sinônimo da história das civilizações; ou seja, as cidades surgem tão logo surgem as civilizações; portanto, uma está relacionada diretamente à outra. Com o nascimento das cidades, surge, conseqüentemente, a arquitetura.

A definição de urbanismo proviria de um termo criado em 1867, por um arquiteto espanhol, e se refere a uma ciência surgida no final do século XIX, conhecida como uma espécie de “Teoria da Cidade” – assim concebida durante a revolução industrial. Todavia, a criação do urbanismo no século XIX foi precedida por toda uma “história da cidade”, já verificada ao longo da história (DIAS et al., 2005).

Ainda de acordo com o autor, o Urbanismo Progressista, que, dominado pela razão, desconsidera a emoção humana, é a corrente que dominou e se multiplicou por todos os continentes no século XX. É, inclusive, o modelo de urbanismo no qual a cidade de Cascavel se enquadra.

Se olharmos para as cidades, por mais comum que possa parecer a paisagem, podemos vivenciar uma experiência prazerosa, sublime. A cidade é uma construção no espaço, como uma obra arquitetônica; entretanto, diferencia-se na dimensão de escala – que é muito maior. Além disso, sua percepção completa só pode ser efetivada no decorrer do tempo. O *design*, por sua vez, pode ser considerado como arte atemporal, que dificilmente poderá se restringir a seqüências limitadas e controladas – como acontece, por exemplo, na música (LYNCH, 1997).

Sabemos que, além do estilo arquitetônico em si, o conhecimento das técnicas construtivas é importante para a execução de qualquer obra, seja simples, seja complexa. Não basta planejar e projetar uma grandiosa obra se não se pode contar com as técnicas e formas que a tornem exequível. A Catedral de Cascavel apresenta forma arquitetônica e estrutural diferenciada; portanto, é possível presumir que sua execução exigiu alto domínio e entendimento das técnicas, dos materiais e das tecnologias de construção utilizadas para harmonizar com a questão estética.

Partindo dessa presunção e de um olhar mais técnico e objetivo, relacionado à execução de uma obra, é importante, primeiramente, conhecer a clara definição de “obra” ou “edificação”, que, de acordo com Azeredo (1987, p.1), entende-se por “todos os trabalhos de engenharia de que resulte criação, modificação ou reparação, mediante construção, ou que tenham como resultado qualquer transformação do meio ambiente natural”. Ou ainda “toda construção que se destina ao abrigo e proteção contra as intempéries, dando condições para desenvolvimento de uma atividade”.

3.1 ARQUITETURA E URBANISMO MODERNISTA

Com as mudanças sociais e econômicas decorrentes da Revolução Industrial, as cidades européias viram-se na necessidade de uma reestruturação de seu espaço físico, visando a uma adequação às demandas daquele período. Surgiu, então, o modernismo arquitetônico, movimento estético que procurava encontrar soluções para essas mudanças (ARQUITETURA BRASILEIRA, 2015).

Com a Revolução Industrial, surgem as “cidades industriais”, o que acarretou um novo paradigma para o campo da arquitetura. Por conseguinte, modificou-se a técnica das construções; os materiais tradicionais (madeira, pedra, tijolos e telhas) são trabalhados racionalmente e distribuídos de forma mais liberal, com o acréscimo de novos materiais, como o vidro, o ferro e o concreto.

Nessa época, houve um grande aumento da população, pois, com a melhoria nas condições de vida – ocasionada, entre outras coisas, pela evolução da medicina, por uma higiene mais apropriada, por melhores moradias, por preocupações sanitárias etc.–, ocorreu uma redução da mortalidade. Ademais, com as constantes migrações, surgiu a necessidade de construir estradas e canais mais amplos. Consequentemente, em razão do crescimento dos centros urbanos, aumentou-se a demanda por casas, por edifícios públicos mais amplos e por novas formas de edificação. Em suma, a economia industrial não seria possível sem os novos edifícios e instalações (lojas, depósitos, fábricas etc.), que deveriam ser construídas em curto prazo. Atraídos pelo giro da economia capitalista, o significado dos edifícios e os implementos passam a ter um sentido diferente do passado (BENEVOLO, 2001).

O movimento moderno não é somente um termo histórico, mas também uma regra de conduta. Segundo o autor supracitado, há três respostas para a pergunta: Quando a Arquitetura Moderna começa? Primeiramente, que a Arquitetura Moderna nasce das modificações sociais, culturais e técnicas ligadas à Revolução Industrial; ou seja, inicia-se logo que se traçam as consequências para a edificação e urbanização decorrentes da Revolução Industrial, ocorrida entre o final do século XVIII e início do século XIX. Em segundo lugar, que a Arquitetura Moderna nasce, enquanto linha coerente de pensamento e de ação, com o artista inglês William Morris, um dos fundadores da *arts and Crafts*, movimento que apoiava a retomada das artes e dos ofícios medievais, produzidos artesanalmente, sendo, portanto, contrário à industrialização e à produção em massa – típicas da produção industrial e capitalista. Finalmente, que a Arquitetura Moderna alcançou a ponte entre a teoria e a prática, concretizando-se durante a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente em 1919, quando houve a abertura da Bauhaus, em Weimar, na Alemanha, por Walter Gropius. Percebe-se, a partir disso, que foram várias as causas que deram origem ao Movimento Moderno e da Arquitetura Moderna.

No Brasil, as obras modernistas surgem no início do processo de industrialização. Portanto, não há a preocupação em solucionar os problemas sociais, como ocorreu na Europa. Segundo Lúcio Costa, o modernismo brasileiro é justificado como estilo, representando o “espírito da época” e afirmando a identidade de nossa cultura (DISCUTINDO, 2009).

O estilo modernista no Brasil contou com apoio do Estado Novo, que o considerava símbolo do progresso e da modernidade, importante fator para sua difusão em nosso país (ARQUITETURA BRASILEIRA, 2015).

Segundo o mesmo autor, quando a arquitetura moderna se disseminou no Brasil, as obras de arquitetos estrangeiros como Mies Van der Rohe, Walter Gropius e, principalmente, Le Corbusier – o mais influente na formação do pensamento modernista brasileiro – passaram a ser estudadas pelos arquitetos do país. Alguns dos pioneiros da Arquitetura moderna nacional, como Lúcio Costa e Niemeyer, tiveram como influência e inspiração as ideias inovadoras de Le Corbusier.

Foram destaque também no movimento moderno brasileiro, além de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, Affonso Eduardo Reidy, Attilio Correa Lima, Paulo Mendes da Rocha, Milton e Maurício Roberto e outros.

As principais características da arquitetura modernista são o racionalismo e o funcionalismo, constatados na falta de ornamentação, nas formas geométricas bem definidas e no uso de pilotis para liberar o espaço sob o edifício. Esta última técnica, ao separar a estrutura e a vedação, integra a arquitetura com o paisagismo e com outras artes plásticas (esculturas, murais, painéis de azulejos decorados). Um exemplo disso são as fachadas compostas por panos de vidro contínuos, em vez das tradicionais janelas (DISCUTINDO, 2009).

É importante realizar também a abordagem acerca do Urbanismo Modernista, visto que este também faz parte do Movimento Moderno, com o qual congrega muitos pontos em comum, complementando-se mutuamente.

Até 1910, os arquitetos procuravam diferentes formas que os levassem a entender o espaço sob uma nova visão, considerando-o a base e o incentivo para a verdadeira gênese arquitetônica. Foi então que os arquitetos urbanistas, por meio do urbanismo moderno, puderam experimentar na prática aquilo que pensavam; porém, com algumas limitações, dados os problemas econômicos ocorridos no início do século XX, que impediram aos urbanistas, nos primeiros vinte anos desse século, tirar do papel seus planos e projetos, devido ao período de recessão econômica que os países vivenciavam (SABBAG, 2012).

Depois da Primeira Guerra Mundial e a partir de 1920 que a arquitetura e o urbanismo encontram uma alternativa para as formas de organização e planejamento que vinham sendo esboçadas anteriormente. Surge, então, o Urbanismo Moderno, por meio do qual o planejamento e as ações urbanas modernas tornam-se viáveis.

O instrumento que norteou toda a prática arquitetônica e urbanística modernas nos 30 anos subsequentes, explicitando as quatro funções urbanas fundamentais – o habitar, o trabalhar, o recrear/lazer e o circular – e que demonstrava que o urbano e seu conjunto deveriam sofrer uma simplificação funcional, chama-se Carta de Atenas ou Carta do Urbanismo, elaborada em 1933 e publicada somente dez anos mais tarde. Esse documento foi concebido no IV CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna), realizado em Atenas, após a análise de 33 cidades. Determinou-se, também, nessa mesma ocasião, que as três matérias-primas do urbanismo moderno seriam o sol, a vegetação e o espaço (LE CORBUSIER, 2008, p.42; IPHAN, 2004, p.68 *apud* SABBAG, 2012).

Segundo o ponto de vista moderno, de acordo com a mesma autora, o interesse privado deve ser subordinado ao público; a cidade moderna supera o dualismo entre cidade e campo, trazendo o campo para a cidade; o solo é tido como livre e público, incorporando a ideia dos pilotis nos edifícios; o plano principal agora é o vazio e não mais os edifícios, havendo uma inversão do que era praticado anteriormente. A cidade é composta pelos edifícios, juntamente com os

espaços livres – estes, geralmente, verdes. São incorporados os princípios das cidades-jardim; o fundamental é a relação entre o vazio e o espaço ao redor dele, entre os objetos urbanos e a paisagem. O traçado moderno procura fazer com que, nas cidades, as pessoas possam respirar e viver com qualidade de vida, de modo que o vazio e o espaço aberto, sendo natural ou artificial, se tornem o local ideal para a vida dos cidadãos. O vazio, aliás, será o instrumento para inserir a natureza em meio ao tecido urbano.

A organização das formas no sítio era o objetivo da visão moderna, que defendia o progresso industrial e a eficiência capitalista. A cidade é vista como um instrumento de trabalho, refletido nos seus espaços, indicando eficiência e riqueza formal. Os conceitos e princípios modernos, que priorizam a tecnologia e a racionalidade, fundamentaram os planos urbanísticos da primeira metade do século XX, os quais se baseavam em intervenções dramáticas que, muitas vezes, desconsideravam a história da cidade para alcançar a modernidade e o progresso (SABBAG, 2012).

De acordo com Sabbag (2012), o “Urbanismo” estava em destaque desde o final do século XIX. Com isso, surgiram várias correntes com suas respectivas linhas de pensamento. Todas, porém, apesar dos diferentes enfoques, partiam do “princípio de que a indústria gerou uma desordem social e urbana” (SABBAG, 2012, p.28), sendo necessária uma nova organização espacial. As correntes de maior destaque foram a culturalista e a racionalista/progressista. Esta última, também conhecida como funcionalista/modernista, é a que melhor atende às necessidades políticas e econômicas do Brasil na primeira metade do século XX, fato justificado, segundo Monte-Mór *apud* Sabbag (2012), quando a racionalidade do planejamento alcança o Governo do Brasil, gerando a perfeita fusão entre os conceitos positivistas de “ordem e progresso” – presentes no racionalismo europeu e em nossa bandeira – com as diretrizes políticas delineadas para o país. A nação vive, nesse contexto, um ambiente de modernidade, de futuro e de identificação da população com o Governo, que tem intenção de avivá-la e de desenvolvê-la.

De acordo com Del Rio e Gallo (2000), na década de 1920, as expressões plásticas e construtivas características do modernismo eram presentes no país, mas foi com o Estado Novo que o movimento modernista ganhou destaque e tomou consistência, tornando-se o modelo da cultura nacional, atingindo seu auge com a construção de Brasília.

O planejamento urbano brasileiro consegue finalmente inserir e coroar o modelo do Urbanismo Moderno em 1950, com o grande empreendimento governamental que foi a construção da nova capital do país, Brasília. Nesta se tem a visão arquitetônica do Urbanismo Moderno mediante o traçado funcionalista, a presença dos edifícios monumentais e os vazios inseridos como elementos urbanos pertencentes à paisagem (SABBAG, 2012).

Mais do que em muitos outros países, o Movimento Moderno no Brasil, tanto na arquitetura como no urbanismo, foi simbólico e representativo, deixando um significativo legado. O Ideal Modernista Internacional foi diretamente expresso no Brasil por conta do desejo de construção de uma sociedade mais igualitária, substituindo a desgastada estética clássica e historicista pela nova estética que remeteria à industrialização e à máquina, promovendo uma nova classe operária mediante a transformação de um país até então, predominantemente rural, para urbano. Essa era a arquitetura da modernização, do desenvolvimento e do progresso. O conceito modernista, com objetivo de progresso e de transformação, era o espírito nacional da época, que se apoiou fundamentalmente no campo urbanístico de forma mais tardia do que as representações arquitetônicas (DEL RIO e GALLO, 2000).

De acordo com o mesmo autor, a fácil implantação desse modelo urbano no Brasil se deu devido ao projeto maior de construção de uma nova nação e de um novo Estado, com identidade própria e internacional ao mesmo tempo. Outrossim, porque representava, para a elite cultural brasileira, o esperado avanço que sustentava o pensamento positivista racionalista, que, não por acaso, encontrou campo fértil para se desenvolver nas décadas de 1950 e 60.

A arquitetura e o urbanismo moderno continuaram a servir de modelo, inseridos em todos os níveis e expressões culturais, devido a sua compatibilidade com as políticas nacionais de desenvolvimento e de habitação. Tal sucesso está ligado ao fato de prestar-se à maximização dos lucros, seja pela “simplicidade” maior, seja pelas densidades e verticalizações.

Ainda de acordo com o autor, a partir da experiência de Brasília, a ideologia modernista foi inserida na rotina das cidades brasileiras, não somente pelo trabalho dos arquitetos brasileiros no setor privado e governamental de todos os níveis, mas também por ideologias de agentes institucionais, como as Companhias de Habitação, Banco Nacional da Habitação e o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, órgãos que constituem instrumentos reguladores do desenvolvimento urbano, como planos diretores, códigos de obras, leis de uso e ocupação do solo etc.

Como visto anteriormente, a Carta de Atenas (1933) constituiu o instrumento que norteou toda a prática moderna, arquitetônica e urbanística, apresentando as quatro funções urbanas fundamentais: o habitar, o trabalhar, o recrear/ lazer e o circular (SABBAG, 2012).

As quatro funções urbanas da Carta de Atenas são inseridas, de forma isolada, no desenho urbano de Brasília para, segundo os conceitos modernistas do urbanismo, evitar que a eficiência da cidade fosse prejudicada por conflitos funcionais. Cada espaço possui sua função nos conceitos de zoneamento rígido e de setorização extrema, principais instrumentos do planejamento urbano moderno, segundo Sabbag (2012).

Apesar dos conceitos expostos na Carta de Atenas terem encontrado um local adequado para sua disseminação, não foi desconsiderada a tradição histórica e cultural do Brasil. Houve tentativas de conciliar as raízes culturais da nação com as necessidades de modernização, fato realizado pelos primeiros urbanistas modernos brasileiros, como Lúcio Costa, por exemplo (RIBEIRO & CARDOSO, 1990 *apud* SABBAG, 2012).

É interessante evidenciar que, na Carta de Atenas, é incorporada a prática preservacionista, discorrendo sobre a questão do Patrimônio histórico das cidades, em que os valores arquitetônicos precisam ser defendidos e protegidos, isto é, “edifícios isolados, de caráter excepcional, que representam a expressão de uma cultura anterior e que correspondam a um interesse geral, ou seja, o patrimônio de pedra e cal” (SABBAG, 2012, p.31).

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria(...). São testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, a princípio por seu valor histórico ou sentimental, depois, porque trazem uma virtude plástica na qual se incorporou o mais alto grau de intensidade do gênio humano. Eles fazem parte do patrimônio humano (...). (IPHAN, 2004, p.52 *apud* SABBAG, 2012, p.31)

3.1.1 Arquitetura e Urbanismo Modernista no Paraná

O estilo arquitetônico defendido pelo arquiteto modernista Lúcio Costa, em 1934, ainda era realidade distante das produções arquitetônicas das cidades brasileiras, exceto no Rio de Janeiro, onde o novo estilo, a partir de 1936, começou a ser implantado de forma mais acelerada, buscando a renovação. Porém, ainda assim, essa mudança de conceito arquitetônico proposta por Lúcio Costa na então capital federal era pouco compartilhada e repercutida. Sua melhor aceitação se dá nos anos 50, e sua consolidação, nos anos 60 (SANTOS; ZEIN, 2009).

Lúcio Costa contribuiu com o entendimento da nova arquitetura, inserindo no panorama cultural brasileiro o movimento moderno, baseado nas ideias de Le Corbusier, no período de transição que sofria a sociedade, com a chegada da “máquina”.

Segundo Santos e Zein (2009), a partir da década de 1940, o projeto e a obra do Ministério da Educação e Saúde, bem como outras importantes construções, fez com que a arquitetura da Escola Carioca, ou seja, a produção arquitetônica do Rio de Janeiro, obtivesse destaque – condição evidenciada também pelo fato de o Rio de Janeiro ainda ser a capital do país, representando, assim, a arquitetura nacional – influenciando vários arquitetos de outras regiões brasileiras, inclusive os paranaenses. Isso se verificou, sobretudo, no sentido da composição, do partido e da monumentalidade na arquitetura.

A tendência pela qual os arquitetos paulistas e paranaenses se apropriaram a partir de 1955 foi uma maior busca da racionalização construtiva, opondo-se ao destaque dos sistemas estruturais, levando-os para as bordas, resultando, assim, em maior uso da plasticidade do concreto armado. A influência de Le Corbusier se dá mediante a obra da Unidade de Habitação de Marselha, fundamental para a criação do conceito brutalista, caracterizado pelo uso de material bruto, interligando a ideia da construção em série (SANTOS; ZEIN, 2009).

Na década de 1950, São Paulo assume a liderança econômica do Brasil devido ao intenso crescimento urbano e à acelerada industrialização, condição que leva a arquitetura paulista a também se destacar. Vários Arquitetos, como Paulo Mendes da Rocha, Vilanova Artigas, Pedro Paulo de Mello Saraiva, Carlos Millan, entre outros, tiveram importantes obras que se tornaram referência na nova forma de utilizar matérias e técnicas construtivas.

No início de 1960, migraram pra Curitiba/PR, Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi e Roberto Luis Gandolfi, arquitetos formados por escolas paulistas. O Paraná esteve constantemente vinculado à capital paulista, não somente na arquitetura, mas socialmente, economicamente e profissionalmente (SANTOS; ZEIN, 2009).

As tendências arquitetônicas – como, por exemplo, o racionalismo, que é um segmento da arquitetura moderna – começaram a ser debatidas e a fazer parte da arquitetura paranaense a partir dos anos 60. Já influência do brutalismo paulista, verificada, de forma moderada, com algumas alterações, ocorreu entre a década de 60 a 70, em Curitiba, destacando-se com a utilização de impressões esculturais, figuras no concreto, uso de baixos-relevos de forma frequente e o perfeito cuidado no detalhamento e qualidade arquitetônica (GNOATO, 2002 *apud* SANTOS; ZEIN, 2009).

De acordo com Santos e Zein (2009), a década de 1960 foi o período de maior desenvolvimento do panorama arquitetônico moderno no Paraná, apesar da afirmação contrária de alguns críticos de arquitetura, que defendem a ideia de que a década de 60 foi o início da decadência do movimento moderno no mundo, chegando ao fim em 1972. A arquitetura moderna se consolidou em Curitiba por meio da ação e da contribuição de arquitetos e paisagistas paulistas.

“No Paraná, a afirmação da arquitetura modernista aconteceu a partir dos anos 1960, devido à migração de profissionais que vinham à capital, principalmente arquitetos paulistas.” (SANTOS, 2011 *apud* SOUZA, 2015, p.25).

Quando se criou o Curso de Arquitetura da Universidade Federal do Paraná – UFPR, no ano de 1962, muitos alunos e professores eram atraídos para o Estado, vindos de outros lugares, segundo Souza (2015). No início, o corpo docente era formado por profissionais vindos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Depois, juntaram-se a eles professores do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, assim como de outras regiões (CHIESA, 2014 *apud* SOUZA, 2015).

De forma paralela à arquitetura produzida pelas escolas carioca ou paulista, havia o desenvolvimento de outras tendências em vários locais do Brasil, sob a influência da arquitetura realizada nas grandes capitais (SUZUKI, 2011 *apud* SOUZA, 2015). Ainda segundo Segawa (2002) *apud* Souza (2015), os jovens que saíram de vários locais do Brasil para se formar em arquitetura no Rio de Janeiro, então a capital do país, disseminaram nacionalmente a arquitetura moderna. Graças a eles, a arquitetura carioca tornou-se visível no Brasil devido a obras de destaque, presentes nas principais cidades brasileiras.

3.1.2 Brutalismo

A arquitetura brutalista faz parte do panorama arquitetônico moderno, sendo uma tendência muito marcante, tanto nacional como internacionalmente. (ZEIN, 2015)

Foi um movimento que surgiu no período após a Segunda Guerra Mundial, num momento difícil e incerto, quando os países europeus encontravam-se abalados. Consolidou-se e repercutiu em vários países a partir da construção de diversas obras, com diferentes sentidos e interpretações. No Brasil, essa corrente obteve destaque mais especificamente em São Paulo, entre 1955 a 1965, com o arquiteto João Batista Vilanova Artigas (Comas, 2002 *apud* Souza, 2015).

O Brutalismo caracteriza-se pela utilização do concreto armado de forma bruta. Em sua aparência, são realçadas as impressões naturais deixadas pelas fôrmas de madeira, as quais, na época, eram utilizadas como recurso tecnológico de maior expressividade plástica. O estilo surgiu baseado no projeto da Unité d'Habitation de Marselha (1945-1949), do arquiteto Le Corbusier, que influenciou obras de arquitetos de todo o mundo, determinando uma linguagem arquitetônica, segundo Zein, 2015.

A origem da denominação brutalismo, nos remete á expressão béton brut de décoffrage – concreto aparente sem revestimento, deixado da maneira como sai das formas – forjada por seu padrinho Le Corbusier, o que nos conduz naturalmente a etimologia e ao significado do adjetivo brut em francês e como ele é utilizado pelo arquiteto, para assim começar a dimensionar a força da estética brutalista proposta por ele, ou reconhecer que o brutalismo não representa a negação da estética, mas a busca de uma nova estética, conforme o próprio Le Corbusier: “A realização da Unidade de Marselha trouxe à arquitetura contemporânea a certeza do potencial esplendor do concreto armado implementado como material bruto assim como a pedra, a madeira ou a argila. A experiência é importante. Parece realmente possível considerar o concreto como uma pedra reconstituída, digno de ser exibido em seu estado bruto. Considerava-se que a aparência do cimento era triste, que a sua cor era triste. Este juízo é tão equivocado como dizer que uma cor é triste em si. Uma cor só se avalia pelo que está em volta dela. (SANTOS, 2014).

Segundo Souza (2015, p.9), o brutalismo apregoa “uma violência contra as regras”, ou ainda “uma revolta contra os usos estabelecidos e os regulamentos que entravam o progresso, uma segurança quanto ao caminho a seguir e uma vontade de impor esse caminho” (BRUAND, 2002, p.295 *apud* SOUZA, 2015).

O Brutalismo se apresenta no Brasil a partir de 1950, em São Paulo e no Rio de Janeiro, concomitantemente à idealização e à construção de Brasília (mesma década de emancipação do Município de Cascavel/PR). Contudo, a consolidação do Brutalismo, com repercussão nacional, deu-se na década de 60 (SANTOS, 2014).

o brutalismo, enquanto tendência estética, só se manifesta internacionalmente (à parte o mestre Le Corbusier) em obras realizadas a partir de 1957, ou no mínimo, a partir de 1953, e não antes; não tendo nem os ingleses nem quaisquer outros países precedência nessa datação; a “conexão brutalista” é uma rede complexa sem ponto original que não seja corbusiano, um “estilo internacional” tanto ou mais prevalente que aquele outro dos anos 1930 (ZEIN, 2007, p.6 *apud* SOUZA, 2015).

Para contextualizar, em 1950, o Rio de Janeiro ainda era a capital brasileira. Nessa cidade, concentravam-se os núcleos culturais nacionais; com isso, a arquitetura ali produzida era um parâmetro para toda a federação. Não obstante, nessa mesma década, a capital paulista começou a obter maior destaque no cenário cultural brasileiro, consolidando-se como importante direcionador dos rumos econômicos. Isso se deve, entre outras coisas, à ascensão da burguesia rural e, posteriormente, da burguesia industrial. A consolidação econômica se refletia inevitavelmente nas questões culturais, levando a cidade a fazer parte do cenário internacional das artes – fato fortalecido, ainda mais, com a criação do MASP (Museu de Arte de São Paulo) em 1948, do MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo) em 1948, da Bienal de Arte de São Paulo e da Bienal de Arquitetura, em 1951. Assim, a arquitetura brutalista – mais especificamente a arquitetura brutalista paulista – vai surgindo, desenvolvendo-se e tomando força (Souza, 2015).

Enfim, de modo geral, percebe-se que a arquitetura brasileira era um reflexo da produção arquitetônica ocorrida no Rio de Janeiro e em São Paulo, os dois principais centros de destaque nacionais.

Vilanova Artigas foi o expoente da tendência brutalista no Brasil. Seu pensamento arquitetônico se caracterizou pela preocupação com a habitação popular e a questão social da arquitetura, enquanto os arquitetos cariocas estavam envolvidos com discussões estéticas. Esta foi uma diferença importante entre as duas escolas: a questão ética. Os aspectos formais eram diversos entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas acima de tudo a ideologia é que diferia. Na Escola Carioca prevaleceram os aspectos estéticos, enquanto que em São Paulo o ponto central era uma ética vinculada às questões político-sociais. A transposição destes ideais à prática profissional foi fundamental para a Escola Paulista que chegou a maturidade e afirmação na década de 60, vinculada ao Brutalismo como estilo. (SANVITTO, 1994, p. 46 *apud* SOUZA, 2015).

A grande expansão dessa tendência pelo mundo ocorreu na década de 70. No Brasil, além de São Paulo, outras regiões passaram a reconhecer e representar o estilo em suas obras; aliás, isso se constata também na arquitetura cascavelense, conforme se verá posteriormente (ZEIN).

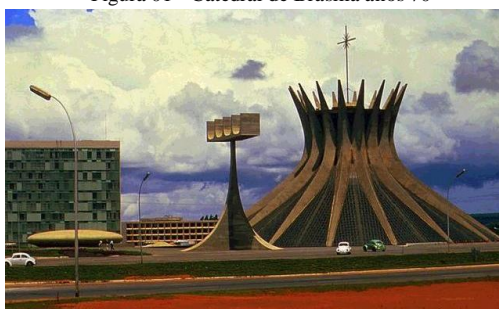
Algumas obras e seus respectivos arquitetos que empregaram o brutalismo na década de 50 e 60 foram a Escola Brasil-Paraguai (Assunção, Paraguai, 1952) e a obra do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1953), ambas de Affonso Eduardo Reidy; o Estádio do Morumbi (São Paulo, 1952) e a Residência Olga Baeta (São Paulo, 1956), dos arquitetos Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi; o Projeto do Museu de Arte de São Paulo (1958), de Lina Bo Bardi; o Clube Paulistano (1958), de Paulo Mendes da Rocha; a Casa Tomie Ohtake (1966), de Ruy Ohtake; entre muitos outros (ZEIN).

3.1.3 Abordagens

As abordagens complementam o tema pesquisado, demonstrando, no Brasil, as características arquitetônicas modernas brutalistas, em obras diversificadas, todas localizadas em regiões em que os conceitos em pauta foram absorvidos, influenciando direta ou indiretamente a arquitetura produzida em Cascavel, nas primeiras décadas do Município. Mediante tais abordagens, é possível perceber mais claramente as características do Modernismo e do Brutalismo, presentes nas obras apresentadas a seguir, que foram selecionadas de acordo com a função, semelhança e/ou relevância com os aspectos analisados e comentados anteriormente e que vão ao encontro do assunto deste trabalho.

3.1.3.1 Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, Brasília

Figura 01 - Catedral de Brasília anos 70



Fonte: Archdaily, 2015

Figura 02 - Catedral de Brasília

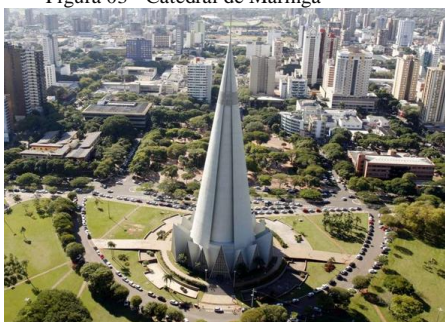


Fonte: Beto Garavello/ LUME

Projetada por Oscar Niemeyer, a Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida, mais conhecida como Catedral de Brasília, teve sua pedra fundamental lançada em 1958. Sua estrutura conta com 16 pilares, que se elevam inclinadamente e possuem formato hiperboloide, lembrando um bumerangue. Foi concluída em 1960; sua inauguração foi em maio de 1970. Em 1990, a obra foi tombada como monumento histórico e artístico nacional. A planta, em formato circular de 70 metros de diâmetro, é rodeada externamente por um espelho d'água. A Catedral internamente fica a um nível abaixo do plano externo. A obra, desde a sua inauguração, possuía os pilares em concreto aparente - remetendo ao brutalismo - e vidros externos incolores. Porém, essa característica foi modificada no ano de 1987, quando sofreu sua primeira reforma, a qual substituiu os antigos vidros incolores por vitrais pintados, modificando os pilares da estrutura, anteriormente pintados de branco (CATEDRAL, 2015).

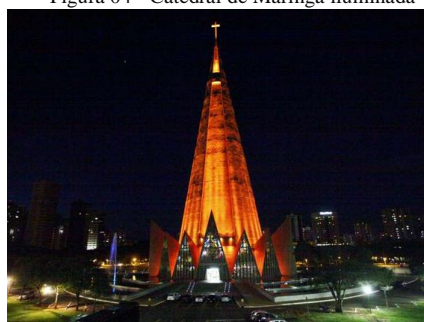
3.1.3.2 Catedral de Maringá

Figura 03 - Catedral de Maringá



Fonte: Prefeitura de Maringá, 2015

Figura 04 - Catedral de Maringá iluminada



Fonte: Prefeitura de Maringá, 2015

A Catedral Basílica Menor de Nossa Senhora da Glória, mais conhecida como Catedral de Maringá, foi projetada pelo arquiteto José Augusto Bellucci, em 1958. Sua pedra fundamental foi lançada em agosto de 1958 e seu período de construção foi entre os anos de 1959 a 1972. A catedral tornou-se símbolo da cidade, com uma arrojada e moderna arquitetura, que, devido à presença do concreto aparente, exibido de forma mais rústica, está esteticamente relacionada ao brutalismo. É o primeiro monumento em altura na América do sul e o décimo mundialmente. A obra apresenta forma cônica, uma nave circular de 38 metros de diâmetro interno e de 50 metros externamente; sua altura total é de 124 metros, incluindo a cruz do topo, que corresponde a 10 metros (Maringá, 2015). Segundo o primeiro Arcebispo de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho, a catedral “é um convite a toda pessoa peregrina nesta terra a voltar-se para a eternidade, para o absoluto, para Deus” (O DIÁRIO, 2008).

3.1.3.3 Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

Figura 05 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM



Fonte: Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2015

A obra do museu é um ícone da arquitetura moderna racionalista, “considerado uma das primeiras obras brasileiras na qual se identificam e se observam muitas características do brutalismo” segundo Souza (2015, p.16). Projetado pelo arquiteto Affonso Eduardo Reidy, o museu foi fundado em 1948, ocupando provisoriamente as dependências do Banco Boa Vista e, depois, o andar térreo do Palácio Gustavo Capanema, então Ministério da Educação e Saúde do Rio de Janeiro. Em 1953, o projeto começa a ser elaborado por Reidy, e o paisagismo, por Burle Marx. Em 1958, ocorre a inauguração do bloco Escola, que compõe apenas uma pequena parte de todo o projeto planejado. O edifício do museu em si, chamado de Bloco de Exposições, inaugura-se em 1967, três anos após a morte de Reidy. O edifício do teatro, que foi iniciado ainda em 1967, é inaugurado somente em 2006 (MAM RIO, 2015).

Segundo Neiva (2014), Reidy cria um museu aberto à paisagem, por meio de fachadas envidraçadas e da estrutura em concreto. A obra elava-se do solo, integrando visualmente a natureza e a arquitetura, proporcionando leveza, característica da arquitetura produzida pela escola carioca. Também é possível perceber, mais uma vez, o uso do concreto aparente (tendência brutalista), comum à estética da época.

3.1.3.4 Tribunal de Contas do Paraná

Figura 06 - Fachada do Tribunal de Contas do Paraná



Fonte: Paulo Yuji Takarada, 2015

Figura 07 - Tribunal de Contas do Paraná



Fonte: Sinclapol, 2015

O edifício foi construído no ano de 1967 e está localizado no Centro Cívico de Curitiba. Foi projetado por Roberto Gandolfi e José Sanchonete. Segundo Imaguire Junior (2013), a obra faz referência aos palácios de Brasília, até mesmo pelas características estruturais e espaciais. O corpo do edifício é uma “caixa de metal” recuada com

fechamento em vidro, que se estrutura por placas de concreto verticais anguladas, as quais sustentam a cobertura, possuindo a função de brises para proteger a edificação da incidência solar e proporcionar efeitos plásticos realçados pelos efeitos de luz e sombra. A obra é totalmente rodeada por um espelho d'água, que gera um bonito e imponente efeito visual (MUELLER, 2006).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 A CIDADE DE CASCAVEL E A CATEDRAL NOSSA SENHORA APARECIDA

A colonização do oeste paranaense iniciou juntamente com a colonização do Brasil. Um dos primeiros homens a chegar à região foi o navegador Aleixo Garcia, o qual, representando a Armada Espanhola de Solis, em 1514, objetivava encontrar uma passagem entre os oceanos Atlântico e Pacífico para alcançar às Índias. Fatos como o regime das Capitânicas Hereditárias, as Bandeiras e a necessidade de extração de recursos pelos espanhóis e portugueses contribuíram para o desenvolvimento e colonização da região (DIAS et al., 2005).

De acordo com Priori et al. (2012), o oeste do Paraná é formado entre as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel (figura 09). Essa área já foi ocupada por índios e espanhóis, fez parte da Capitania de São Paulo e formou o Território Federal do Iguaçu. Após vários tratados com a Espanha, o território foi anexado ao Brasil e passou a fazer parte da província de São Paulo, sendo emancipado politicamente em 1853, tornando-se parte da província do Paraná. Recebeu imigrantes europeus, principalmente alemães, italianos, poloneses, ucranianos e eslavos.

Ainda segundo o autor, o processo de ocupação da região oeste paranaense se deu em quatro etapas, sendo que, na última delas, houve a atuação de empresas colonizadoras, pois, como o movimento conhecido como “marcha para o oeste”, na década de 1930, houve um incentivo, por parte do governo brasileiro, para que as pessoas migrassem a fim de ocupar as terras do interior do país e da fronteira.

De acordo com Souza (2015), a última região a ser colonizada no Estado do Paraná foi a região oeste, conhecida por suas terras férteis. O primeiro ciclo de desenvolvimento econômico do local foi desencadeado pela erva-mate, no período entre o século XVI até 1930. Para que houvesse o escoamento desse produto, foram abertas muitas picadas; uma delas originou, em 1920, a abertura de uma das principais estradas, a qual ligava Guarapuava a Foz do Iguaçu, gerando um entroncamento – conhecido como “encruzilhada” – próximo a Cascavel. Esse entroncamento – atualmente denominado “Marco Zero” – interligava principalmente os estados de Mato Grosso, São Paulo e Santa Catarina. Nele foi iniciado o desenvolvimento de Cascavel” (PIAIA, 2004).

A descoberta da região de Cascavel foi, portanto, simultânea ao descobrimento e colonização do Brasil. Participaram também desse processo os bandeirantes, que, a partir de 1558, vinham à região para fazer o comércio de índios como mão de obra escrava.

A região, antes de sua colonização, tinha função de pouso entre as cidades costeiras do rio Paraná e do Leste, como Lapa, Curitiba, entre outras (DIAS et al., 2005). Ainda segundo os autores, o lugar que antecedeu a cidade, chamado de “A Encruzilhada”, já possuía uma infraestrutura de estradas maior que o necessário, graças ao extrativismo da erva-mate, já praticado por grandes empresas da região. Dessas estradas, resultam o atual desenho urbano de Cascavel.

O processo de colonização de cascavel foi consequência, principalmente, da Revolta Tenentista (movimento de caráter nacional) e do medo de perseguições políticas. Tais fatos fizeram com que José Silvério de Oliveira, o “Nhô Jeca”, migrasse para essa região e, ao vislumbrar no lugar um grande potencial para desenvolvimento – sobretudo em razão da localização geográfica favorável –, iniciou um movimento de colonização da área, (DIAS et al., 2005).

Cascavel, nos anos de 1930 até 1940, recebeu milhares de colonos vindos do sul, descendentes, principalmente, de italianos, de alemães, de ucranianos, de poloneses e de caboclos. Os mesmos deram início à agricultura, à exploração da madeira e à criação de suínos.

Em 1938, Cascavel torna-se distrito e, em 14 de dezembro de 1952, emancipa-se. Contudo, somente no ano seguinte, inicia vida autônoma efetivamente, pois, segundo Sperança (2007), Cascavel viveu seu primeiro ano de Município já criado ainda na condição de Distrito de Foz do Iguaçu.

A população de Cascavel até 1950 era de 404 habitantes na área urbana e 4.007 na área rural. Após a emancipação, já no ano de 1960, os habitantes da área urbana eram 5.274 e 33.324 na área rural (IBGE, 1960 *apud* SOUZA, 2015).

O primeiro passo no planejamento urbano de Cascavel foi dado pelo então prefeito Otacílio Mion, o qual contratou o arquiteto Gustavo Gama Monteiro para dar solução urbanística à antiga estrada, que seria transformada na principal avenida da cidade, inspirada pelo modernismo de Brasília. O arquiteto projetou e edificou, além da Avenida Brasil, outras obras de expressão arquitetônica local, incluindo a própria Catedral Nossa Senhora Aparecida. O primeiro arquiteto contratado como funcionário do município foi Nilson Gomes Vieira (DIAS et al., 2005).

De acordo com os autores, a configuração espacial da cidade de Cascavel sofre influência do urbanismo modernista, através da predominante corrente progressista.

4.1.1 Catedral Nossa Senhora Aparecida

Segundo Deitos (2003), a criação da Diocese de Cascavel pode ser considerada um componente importante que contribuiu para que essa cidade exercesse um papel de destaque na região.

O ano de 1951 foi um período importante para a vida política do então distrito de Cascavel, que, em 14 de Novembro de 1951, tornou-se oficialmente município, com a lei sancionada pelo governador da época, Bento Munhoz da Rocha (DEITOS, 2003).

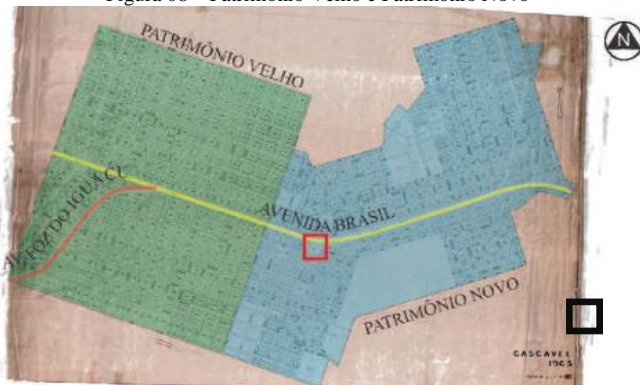
Dom Manoel Konner, Bispo prelado de Foz do Iguaçu, foi quem criou a primeira paróquia de Cascavel, em 03 de Junho de 1952, com a importante contribuição do padre Luis Luíze, que foi muito importante para a história de Cascavel, conseguindo aproximar as relações civis e religiosas de forma determinada (DEITOS, 2003, p.14).

Segundo Sperança, (2007), criar a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida não foi um fato apenas religioso, mas também político, que gerou várias consequências para o futuro da cidade. Em reunião composta pelo padre Luis Luíze e a comunidade, realizada dois dias antes da criação da paróquia, era discutido onde seria o lugar da paróquia e da construção da igreja matriz. A igreja, na época, era situada ao lado do antigo aeroporto, próximo de onde atualmente localiza-se a Praça do Migrante.

A questão política suscitada foi devido à definição de onde seria edificada a nova igreja, que, posteriormente, tornar-se-ia a então Igreja Matriz. As opiniões a respeito do melhor local para a obra não eram unânimes. Os mais tradicionais, inclusive a personalidade mais influente da cidade na época, Florêncio Galafassi, desejavam que a obra ficasse no mesmo local em que já estava a antiga igreja, no “Patrimônio Velho”, enquanto o padre Luis Luíze queria o desenvolvimento da cidade e, para isso, julgava necessário estimular a ocupação e crescimento em uma nova área, no “Patrimônio Novo”. A decisão surgiu com o convincente argumento do padre, de que a construção da igreja próxima ao aeroporto, em razão do difícil acesso, seria desfavorável e imprópria. Assim, optaram pela área central de Cascavel, onde, tempos depois, foi substituída pela edificação da atual Catedral Nossa Senhora Aparecida (Igreja Matriz) e a Praça João XXIII (SPERANÇA, 2007).

O local chamado “Patrimônio Novo”, onde hoje é o centro da cidade (figura 08), foi uma proposta do Governo do Estado, em 1963, com objetivo de acomodar mais moradores e organizar o planejamento de Cascavel (SOUZA, 2015).

Figura 08 – Patrimônio Velho e Patrimônio Novo



Fonte: GIL (2015)

Figura 09 – Segunda Igreja Católica de Cascavel, 1964



Fonte: Museu da Imagem e do Som de Cascavel, 2015

Foi reservado um espaço para a igreja católica no patrimônio novo (figura 08, área demarcada em preto), correspondente a uma quadra; o local era estratégico, pois, na quadra logo à frente, localizava-se o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, criado em 1957, onde residiam o padre e demais integrantes da igreja. Nessa área reservada, foi edificada a segunda igreja católica da cidade; posteriormente, no mesmo local, em 1966, construiu-se, a partir do projeto do arquiteto Gustavo Gama Monteiro, a Catedral de Cascavel “que marcaria a cidade por sua arquitetura modernista” (SOUZA, 2015, p.64).

A construção da igreja no patrimônio novo influenciou e favoreceu o deslocamento do centro da cidade, o que nos leva a concluir que, de certa forma, o desejo de desenvolvimento e “vida nova” para a cidade de Cascavel, idealizado pelo padre Luíze, foi realizado, tornando-se importante para o crescimento e desenvolvimento da cidade, fundamental para a organização e atual constituição (SPERANÇA, 2007).

Segundo Deitos (2003), a história da Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Cascavel e a história da própria cidade se entrelaçam e, em muitos pontos, se confundem.

A paróquia foi fundada primeiramente onde se localiza a atual igreja Santo Antônio, e o primeiro encarregado de sua administração foi o padre Luis Luíze, de janeiro de 1952 até março de 1953. Em 1959, a sede paroquial foi transferida para o mesmo terreno da atual Catedral, porém para uma igreja que antecedeu a atual obra.

Entre os anos de 1964 e 1978, a Paróquia obteve grande representatividade na região, recebendo o título de Diocese, sendo elevada à condição de Catedral. Foram grandes os esforços e contribuições de padres e pessoas da comunidade

para a construção da atual obra da catedral. Para que a nova Igreja Matriz fosse moderna, representativa e majestosa, houve muito empenho. O valor simbólico contido na obra é grandioso, explícito em sua forma arquitetônica (DEITOS, 2003).

Podemos perceber o empenho e contribuição da comunidade para a construção da Catedral (figura 10) através do relato do pioneiro Dércio Galafassi:

Grande parte do dinheiro usado para a construção da catedral foi conseguido com a venda da madeira doada por diversas madeiras da cidade para a Igreja Católica. Essa madeira era vendida em Brasília, que estava em plena construção e necessitava do material. Dessa forma, o dinheiro obtido nessa transação foi utilizado na edificação da nova igreja (DERCIO GALAFASSI, 2014 *apud* SOUZA, 2015. p.73).

Figura 10 – Moradores auxiliando na construção da Catedral



Fonte: acervo pessoal da autora, 2015

Dom Armando Círio fundou a Diocese de Cascavel, sendo seu primeiro Arcebispo, atuando até 1996. Foi também quem planejou e definiu a forma arquitetônica da Catedral, deitando a imagem de Nossa Senhora Aparecida sobre uma mesa e solicitando que o arquiteto fizesse a obra baseada na imagem (PARANÁ TV, 2014).

Segundo as palavras de Dom Armando Círio, primeiro Arcebispo da Diocese: “a preocupação maior deles foi a árvore da fé, que deve ter raízes sólidas e profundas para produzir frutos em qualquer momento da história” (DEITOS, 2003, p.52).

A construção da nova Catedral iniciou em 1974 (figura11), durando 12 anos. Uma obra arrojada, de concepção brutalista, estilo arquitetônico em evidência na época do projeto do arquiteto Gustavo Gama Monteiro. Seu telhado é formado por uma laje plissada com 18 gomos de concreto armado sobre 18 colunas, formando um leque que representa o manto e a coroa de Nossa Senhora Aparecida. A Catedral possui capacidade para 2.500 pessoas, e seu altar é ornamentado por um painel dourado, com esculturas da última ceia. A praça da Igreja possui um monumento, formado por duas mãos em posição de oferta, em honra à Nossa Senhora Aparecida, padroeira oficial do município, (CASCAVEL, 2015).

Figura 11 - Iniciada a obra da Atual Catedral, ao lado antiga Igreja



Fonte: skyscrapercity, 2015

Figura 12 - Catedral Nossa Senhora Aparecida atualmente, Cascavel



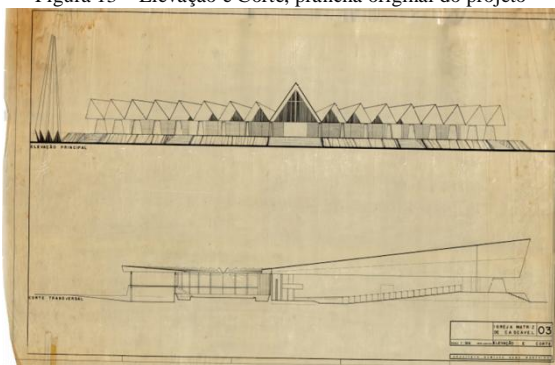
Fonte: Prefeitura de Cascavel, 2015

4.1.2 O projeto e a Obra da Catedral

No ano de 1966, a Igreja Católica contratou Gustavo Gama Monteiro para realizar o projeto da atual Catedral de Cascavel. O terreno para a implantação da mesma já estava definido; seria o mesmo local destinado, alguns anos antes, para uso da Igreja Católica, e que já abrigava a Igreja Matriz, a qual, posteriormente, seria substituída pela nova Catedral. O espaço correspondia a um quarteirão inteiro, circundado pelas ruas São Paulo, Duque de Caxias, Avenida Brasil e General Osório, no centro da cidade. Apesar de o terreno possuir característica plana, o arquiteto o elevou na parte da frente e criou um desnível (figura 17). Ou seja, ao longo do acesso principal da igreja (ponto mais alto) até o local de início do altar (ponto mais baixo) ocorre o desnível de 1,7 metros. Fez uso do desnível presente no projeto para, simultaneamente, não deixar visível o interior da igreja e obter uma perspectiva externa atrativa e interessante (SOUZA, 2015).

Na prancha original do projeto (figura 13), é possível perceber a fachada da igreja, a forma arquitetônica destacando a laje plissada da cobertura, a obra em nível elevado do solo e o desnível presente na parte interna da igreja.

Figura 13 – Elevação e Corte, prancha original do projeto



Fonte: acervo Catedral Nossa Senhora Aparecida, 2015

Figura 14 – Parte interna da Catedral



Fonte: SOUZA, 2015

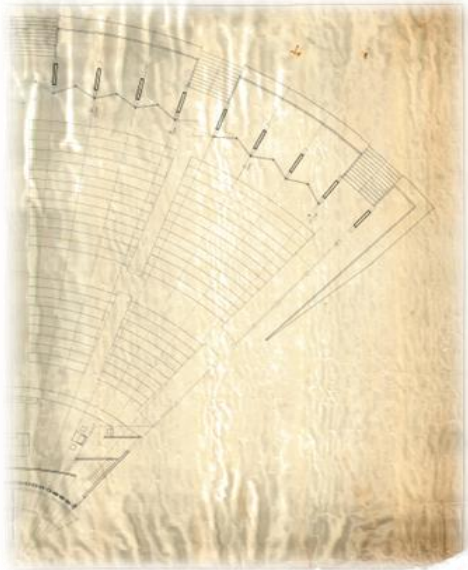
Gama Monteiro utilizou, como partido arquitetônico da obra, a planta baixa, em forma de leque (figura 14), a qual lembrava, assim como a cobertura, o formato de leque. Com isso, a solução que encontrou para vencer o grande vão livre de 38 metros foi definir a cobertura com estrutura plissada. Cada gomo da laje é sustentado por dois pilares, um na parte frontal e outro na parte dos fundos, atrás do altar. No total, a cobertura é composta por 72 gomos; 18 deles se estendem, partindo do círculo menor, e seguem cobrindo todo o restante da Catedral. Todo o projeto foi delineado em função de suportar a cobertura, que é o elemento principal da obra (SOUZA, 2015). O próprio arquiteto comenta sobre o ousado projeto e sobre o fechamento lateral, que se dá através de vitrais:

a Catedral Nossa Senhora Aparecida de Cascavel, que foi um projeto muito discutido e ousado por ter que vencer 64 por 84 metros com uma laje plissada. Ela tinha um trabalho de 12 cm, quando fazia frio ela descia 12 cm e quando esquentava ela ficava reta. A parte lateral foi toda feita em poliéster, um vitral feito pelo padre e pelo arquiteto” (MONTEIRO, 2012, p. 267 *apud* SOUZA, 2015).

A imagem abaixo (figura 15) demonstra apenas uma parte da planta original da igreja, em forma de leque, representando o manto de Nossa Senhora Aparecida. É possível perceber, nas extremidades da planta, a localização dos pilares de sustentação da laje plissada da cobertura, os quais, na extremidade localizada na parte frontal da obra, são bem maiores do que na outra extremidade oposta, localizada atrás do altar. Todos os assentos da igreja são dispostos, acompanhando a forma curvilínea da planta e voltados para o altar central.

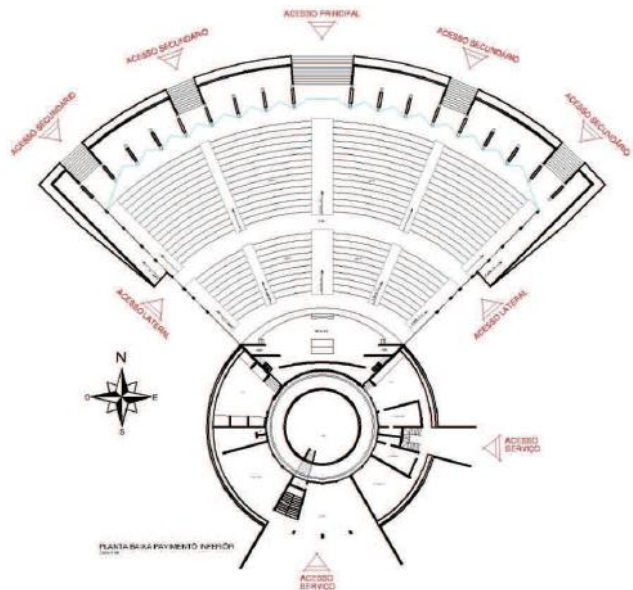
A setorização do projeto é definida pela parte do espaço público e pela parte de serviços; o espaço público é composto pelo local onde se realizam as missas – parte da planta baixa que assume o formato de leque, representação do manto de Nossa Senhora Aparecida (figura 16).

Figura 15 - Parte da planta da igreja, prancha original do projeto



Fonte: acervo Catedral Nossa Senhora Aparecida, 2015

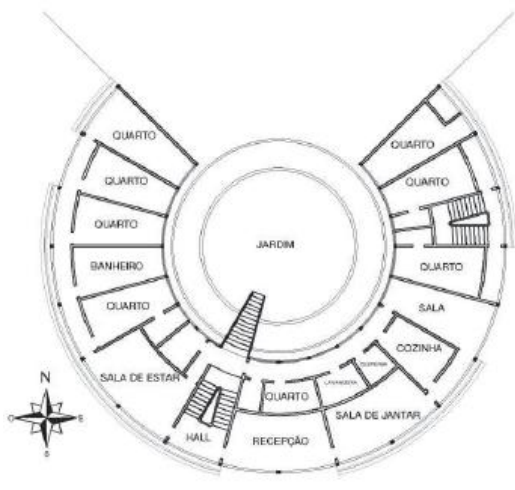
Figura 16 – Reprodução de parte da planta da Igreja



Fonte: SOUZA, 2015

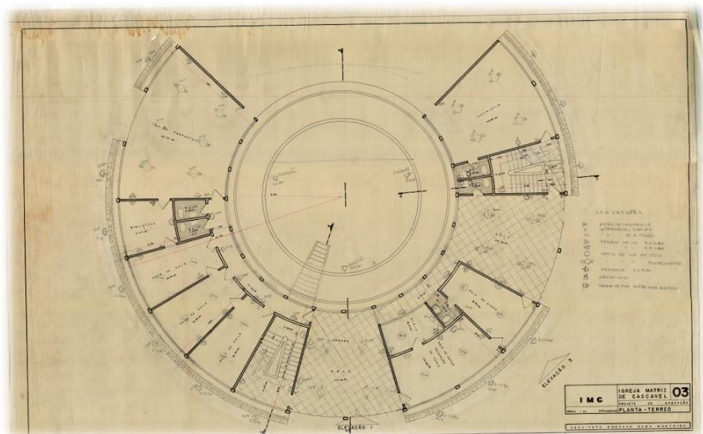
A parte de serviços (círculo menor), segundo Souza (2015), compreende três pavimentos. No pavimento superior (figura 17) encontram-se duas dependências para empregada e espaço para mais dezoito pessoas, com quartos, cozinha e demais dependências, com objetivo de abrigar padres ou seminaristas (SOUZA, 2015). Na Planta do térreo (figura 18), é possível observar que, nesta área, constam os ambientes destinados ao salão paroquial (biblioteca, banheiros, três salas de aula, escadas, halls, sala de estar, cúria, sala do Bispo e sacristia).

Figura 17 – Reprodução da planta da Catedral, pavimento superior



Fonte: SOUZA, 2015

Figura 18 – Planta original do térreo, Catedral Nossa Senhora Aparecida



Fonte: acervo Catedral Nossa Senhora Aparecida, 2015

As pranchas dos projetos possuem selos referentes ao arquiteto Gustavo Gama Monteiro e à empresa curitibana, segundo Souza (2015, p.77), “P.A. Wendler S. C. Estruturas, que tinha como responsáveis os engenheiros Paulo Augusto Wendler, Manfred T. Schmid e Odentr Müller”, encarregados pelo calculo estrutural do projeto. As pranchas originais são datadas de 1966, 1967 e 1969.

A transparência faz parte das fachadas da Catedral por meio dos vitrais coloridos e vidros transparentes. Especificamente na fachada principal estão presentes “esquadrias metálicas finas, vidro transparente, pilares e portas de madeira” (SOUZA, 2015, p. 77). Segundo afirma Souza (2015), o projeto da Catedral ocorre no mesmo período em que houve a consolidação do brutalismo:

um momento pioneiro para a cidade e que põe essa obra em evidência. As ressonâncias brutalistas podem ser vistas na catedral por meio do uso do concreto aparente, racionalidade e solução estrutural, que suporta e define os espaços arquitetônicos e por meio de concomitâncias com obras brutalistas (SOUZA, 2015, p. 84).

Foi necessário um dispendioso trabalho para a construção da Igreja. Havia famílias que contribuíssem com a obra, levando materiais, cimento etc. Os padres trabalharam à frente da comunidade para que a obra da igreja pudesse ser concluída.

Em breve, a Catedral de Cascavel passará por uma reforma. Entre as mudanças, será proposto um projeto de adequação climática para torná-la mais confortável – com a ressalva de que não se pode trabalhar com a cobertura e nem perfurar a estrutura. Dentre outras mudanças, serão acrescentados alguns confessionários. Segundo a arquiteta responsável pelo projeto, as inspirações para a proposta de reforma estão sendo buscadas nos trabalhos do próprio Gustavo Gama Monteiro, em obras brutalistas e na Basílica de Nossa Senhora Aparecida (TV TAROBÁ, 2015).

4.1.3 Trajetória de Gustavo Gama Monteiro

Gustavo Gama Monteiro (1925-2005), arquiteto e urbanista carioca, foi professor e funcionário da Prefeitura de Curitiba. Graduou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, entre 1944 e 1949. Chegando a Curitiba em 1952, foi convidado para desenvolver projetos de urbanização no Oeste do Paraná entre 1953 e 1955, pela Fundação Paranaense de Colonização e Imigração - órgão do Governo do Paraná que promovia projetos de urbanização para a região oeste do Estado, que era, na época, uma nova fronteira agrícola em evolução. Realizou o plano de urbanização da cidade de Munhoz da Rocha em 1953. Executou os planos municipais das cidades de Assis Chateaubriand, Cascavel, Formosa do Oeste, Foz do Iguaçu, Guarapuava, Ponta Grossa e Paranaguá, de 1960 a 1982. Participou na elaboração da proposta paralela ao Plano Preliminar de Curitiba, em 1965, e foi um dos responsáveis pela criação do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR, atuando como professor titular das disciplinas de Paisagismo e Planejamento Urbano por 33 anos (PACHECO, 2010).

Os primeiros projetos de Gama Monteiro, desenvolvidos na cidade de Cascavel, foram a Prefeitura Municipal, em 1959; o Cascavel Country Club, em 1960; a intervenção na Avenida Brasil, em 1961; a Catedral de Cascavel, em 1966; o Cine Delfim, em 1968 e o Plano de Urbanização de Cascavel (SOUZA, 2015).

Gustavo atuou diretamente na cidade de Cascavel quando foi contratado por Otacílio Mion, prefeito e seu amigo pessoal, para dar solução urbanística à antiga estrada que ligava o litoral paranaense a Foz do Iguaçu. O caminho, então, foi deslocado para o sul da cidade, saindo da área central. No local onde passava a antiga estrada, surgiu a Avenida Brasil, principal via de Cascavel; e a nova estrada, construída ao sul da cidade, denominou-se BR 277 (DIAS *apud* GNOATO, 2012, p.26).

Ainda segundo o mesmo autor, o arquiteto, inspirado pelo urbanismo modernista, que valorizava os veículos, e por Brasília e seus eixos, propôs o projeto da Avenida Brasil, com canteiros centrais de estacionamento de veículos, a qual se tornaria, posteriormente, modelo de referência para várias cidades paranaenses.

Ao longo do desenvolvimento da cidade, outras obras arquitetônicas expressivas foram projetadas e construídas pelo arquiteto – em destaque, a Catedral Nossa Senhora Aparecida. Gustavo Gama Monteiro inspirou a profissão de arquiteto na região mediante sua importante atuação profissional, além de incentivar a graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo na UFPR, em Curitiba (DIAS *apud* GNOATO, 2012, p.26).

De acordo com Souza (2015), Gama Monteiro contribuiu, por meio de sua atuação, com o desenvolvimento de Cascavel, disseminando e propagando na cidade a arquitetura brutalista paulista e as ideias oriundas principalmente da capital, Curitiba.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou desenvolver um estudo acerca da Catedral de Nossa Senhora Aparecida, de Cascavel, Paraná, analisando, simultaneamente, os aspectos históricos, sociais e culturais que precederam tal obra, bem como a importância desta para o desenvolvimento do município.

Investigou, também, na perspectiva da arquitetura, as diversas correntes estéticas que, de alguma forma, influenciaram no estilo da referida construção, e examinou, por fim, do ponto de vista técnico, a natureza e a funcionalidade de suas instalações.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, constatou-se um número insignificante de publicações acerca do tema em questão, algo que, até certo ponto, dificultou o andamento das atividades. Por isso, esta pesquisa poderá ser uma rica fonte para futuros estudos. Afinal, é importante conhecer o lugar onde se vive, sua história, sua formação e desenvolvimento, bem como os patrimônios nele presentes, para que haja o fortalecimento, a valorização e a preservação da identidade cultural e arquitetônica do local.

Fez-se um relato das influências culturais – de modo especial, dos grupos étnicos que colonizaram o Paraná –, das tendências arquitetônicas mais influentes, assim como de alguns eminentes arquitetos que deixaram suas marcas no Estado. Na sequência, examinando, de modo mais específico, a cidade de Cascavel, observou-se a história da ocupação e da formação da cidade, bem como seu processo de desenvolvimento, relacionando tais elementos com a iniciativa de concepção e construção da Catedral. Por fim, fez-se uma exposição acerca do projeto e da obra.

Constatou-se que a edificação em pauta faz parte da história, do crescimento e do desenvolvimento da cidade de Cascavel. Sua construção caminhou junto com o progresso da cidade. Destacou-se também a atuação do arquiteto Gustavo Gama Monteiro, que contribuiu amplamente com o planejamento, crescimento e desenvolvimento do município e da região. Investigou-se também, a difusão da arquitetura e urbanismo modernistas, bem como o brutalismo paulista na cidade e no Estado, durante a década de 1960 e 70.

Objetivou-se, por fim, com esta pesquisa, além da difusão e enaltecimento da história local e regional, a valorização do patrimônio arquitetônico da Catedral de Cascavel. O trabalho, como já foi mencionado, também oportunizará que profissionais da área da arquitetura e urbanismo, bem como de outras profissões correlatas, possuam um referencial teórico para embasamento e desenvolvimento de pesquisas congêneres.

REFERÊNCIAS

ARQUITETURA do Paraná, 2009. Disponível em

<http://www.thecities.com.br/Artigos/Brasil/Paran%C3%A1/Cultura/Arquitetura/Arquitetura_do_Paran%C3%A1/> acesso em: 09 maio 2015.

ARQUITETURA BRASILEIRA: o movimento moderno. Disponível em

<<https://arquiteturadobrasil.wordpress.com/7-o-movimento-moderno-3/>> acesso em: 30 abril 2015.

ARCHDAILY. Clássicos da Arquitetura: Catedral de Brasília Oscar Niemeyer. Disponível em<

<http://www.archdaily.com.br/br/01-14553/classicos-da-arquitetura-catedral-de-brasilia-oscar-niemeyer>> acesso em: 20 abril 2015.

BRASIL, Beatriz. Movimento moderno: origem, desenvolvimento e crise. Disponível em

<<https://arquitetandoblog.wordpress.com/2009/04/17/movimento-moderno-origem-desenvolvimento-e-crise-beatriz-brasil/>> acesso em: 06 Outubro 2015.

BAKOS, Margaret Marchiori. Porto Alegre e seus eternos Intendentes. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BENEVOLO, Leonardo. História da Arquitetura Moderna. São Paulo: Editora Perspectiva S.A.,2001.

BITTAR, Willian. Formação da arquitetura moderna no Brasil (1920-1940). Disponível em

<<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/William%20Bittar.pdf>> acesso em: 02 Maio 2015.

BRASIL CULTURA. Disponível em: < <http://www.brasilcultura.com.br/patrimonio-cultural/principais-conceitos-sobre-patrimonio-cultural/>> acesso em: 14 Março de 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

CASCADEL,Portal do Município. Acervo do Museu de Imagem e Som. Disponível em

<http://www.cascavel.pr.gov.br/servicos/museu/resultado_busca.php?resultado_busca.php?titulos=&sub_titulos=&galerias=&palavra_chave=catedral&pag=9> acesso em: 20 abril 2015.

_____. **Igreja Catedral Nossa Senhora Aparecida**. Disponível em

< http://www.cascavel.pr.gov.br/secretarias/semdec/sub_pagina.php?id=190> acesso em: 20 abril 2015.

CHING, Francis D. K. Arquitetura, forma, espaço e ordem. São Paulo: Martins Fontes,1998.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Disponível em <<http://arquiteturaurbanismodos.org.br/museu-de-arte-moderna-rj/>> acesso em: 10 maio 2015.

DALFOVO, Isabella. Acervo Catedral Nossa Senhora Aparecida, Cascavel/PR. 2015.

DEL RIO, Vicente; GALLO, Haroldo. **O legado do urbanismo moderno no Brasil: paradigma realizado ou projeto inacabado?**, 2000. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.006/958>> acesso em: 29 abril 2015.

DISCUTINDO arquitetura: a produção arquitetônica no Brasil, modernismo, 2009. Disponível em <<https://discutindoarquitetura.wordpress.com/modernismo1/>> acesso em: 02 maio 2015

DEITOS, Nilceu Jacob. **Arquidiocese de Cascavel: 25 anos de história** (1978-2003). Cascavel: Palube Gráfica e Editora, 2003. 220-p.

DIAS, Caio Smolarek. FEIBER, Fúlvio. MUKAI, Hitomi. DIAS, Solange Irene Smolarek. **Cascavel, um espaço no tempo: a história do planejamento urbano**. Cascavel: Sintagma, 2005.

FAG, Faculdade Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel, FAG: 2015

GARAVELLO, Beto; LUME. **Brasília: o maior patrimônio da arquitetura moderna brasileira**. Disponível em <<http://blog.brasilturista.com.br/brasil-patrimonio-arquitetura-moderna-brasileira/>> acesso em: 22 abril 2015.

GIL, Lissandra Guimarães. **A construção de Cascavel-PR: da formação do pouso às ressonâncias das propostas urbanísticas de Jaime Lerner até 1989**. (Dissertação de mestrado) Maringá: UEM, 2015.

GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. Londres. Edições Loyola, 2001.

GNOATO, Salvador; MAGALHÃES, Leandro Henrique. **Arquitetura Moderna em Cidades de Porte Médio, 1940-70**. Londrina: UniFil, 2012. 180 p.

GYMPEL, Jan. **História da Arquitectura da antiguidade aos nossos dias**. 1996.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Campinas: Papyrus, 1990.

IMAGUIRE JUNIOR, Key. **O Centro Cívico estadual do Paraná: Catálogo da arquitetura modernista brasileira**. Disponível em <<https://keyimaguirejunior.wordpress.com/2013/11/04/o-centro-civico-estadual-do-parana-catalogo-da-arquitetura-modernista-brasileira/>> acesso em: 10 maio 2015.

LEVINSKI, Reginaldo. Panoramio. Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/39245743>> acesso em: 10 Outubro 2015.

MARINGÁ. **Turismo Cultural**. Disponível em <<http://www2.maringa.pr.gov.br/cultura/?cod=turismo-cultural/1>> acesso em 11 maio 2015.

MUELLER, Oscar. **Centro Cívico de Curitiba um Espaço Identitário**, 2006. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8084/000567255.pdf?sequence=1>> acesso em: 10 maio 2015.

MAM RJ. **Arquitetura**. Disponível em <<http://mamrio.org.br/museu/apresentacao/>> acesso em: 10 maio 2015.

NEIVA, Simone. **Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro: integração com a natureza**, 2014. Disponível em <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=41696> acesso em: 10 maio 2015.

NORMAS da ABNT:

Citações e Referências Bibliográficas. Disponível em <<http://www.leffa.pro.br/textos/abnt.htm#5.16>> acesso em: 08 Outubro de 2015.

O DIÁRIO. **A padroeira de Maringá**. Disponível em <<http://www.odiarario.com/opiniao/noticia/198159/a-padroeira-de-maringa/>> Acesso em: 11 maio 2015.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A Arquitetura do Grupo do Paraná 1957-1980**, 2010. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/31984>> acesso em: 29 Julho 2015.

PIAIA, Vander. **Terra, sangue e ambição - a gênese de Cascavel**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013. 269 p.

PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana Regina; AMÂNCIO, Silvia Maria; IPÓLITO, Verônica Karina. **A História do Oeste paranaense**. Maringá: Eduem, 2012. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-07.pdf>>acesso em: 28 abril 2015.

PARANÁ TV, 1ª edição. **Reportagem: Morre o arcebispo emérito de Cascavel Dom Armando Cirio**, 2014. Disponível em <<http://globo.com/rpc/parana-tv-1a-edicao-cascavel/v/morre-o-arcebispo-emerito-de-cascavel-dom-armando-cirio/3558527/>>acesso em: 05 maio 2015.

SABBAG, Juliane Albuquerque Abe. **Brasília, 50 anos: do Urbanismo Moderno ao Planejamento Estratégico**. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2012.

SANTOS, Michelle Schneider; ZEIN, Ruth Verde. **A moderna Curitiba dos anos 1960: jovens arquitetos, concurseiros, planejadores**, 8º seminário Docomomo Brasil, 2009. Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/020.pdf>>acesso em: 04 maio 2015.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. **Preservação da arquitetura brutalista: os brutos também querem ser amados**, 2014. Docomomo. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.166/5147>>acesso em: 28 abril 2015.

SOUZA, Valéria Zamboni. **Ressonâncias da arquitetura Brutalista nos edifícios das Catedrais de Maringá e de Cascavel**. Dissertação de Mestrado, Maringá: UEM, 2015.

SECCHI, Bernardo. **Primeira Lição de urbanismo**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2006.

SPERANÇA, Alceu A. **Cascavel: a história**. Curitiba: Lagarto, 2007.

SINCLAPOL. **Tribunal de Contas do Paraná**. Disponível em <<http://www.sinclapol.com.br/index.php/noticias/197-tribunal-de-contas-na-contramao-da-historia>>acesso em: 10 maio 2015.

SITES DO BRASIL. **Mesorregiões do Estado do Paraná**. Disponível em <http://www.sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat_id=911>acesso em: 22 agosto 2015.

_____. **Microrregiões do Oeste Paranaense**. Disponível em <http://www.sites-do-brasil.com/diretorio/index.php?cat_id=919>acesso em: 22 agosto 2015.

SKYSCRAPERCITY. **Imagem obra da Atual Catedral, ao lado antiga Igreja Matriz**. Disponível em <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=985608&page=405>>acesso em: 29 abril 2015.

TAKARADA, Paulo Yuji. **Tribunal de Contas do Paraná**. Disponível em <<http://www.panoramio.com/photo/47682575>>acesso em: 10 maio 2015.

TV TAROBÁ. **Reportagem: Catedral faz parte da história de Cascavel**, 2015. Disponível em <<http://www.tvtaroba.com.br/cascavel/jt1/44954/eXvh3uiyxFw>> acesso em: 03 Agosto 2015.

ZEIN, Ruth Verde. **Arquitetura Paulista Brutalista 1953-1973**. Disponível em <<http://www.arquiteturabrutalista.com.br/index1port-conceitos.htm>>acesso em: 29 abril 2015.